

Este ano comemoramos os 120 anos de nascimento de Ana dos Guimarães Peixoto, conhecida pelo nome literário de Cora Coralina – a Casa de Cora Coralina em Goiás está programando muitas festas. Cora não tinha nada que pudesse torná-la importante para gente de alta classe – políticos, empresários, intelectuais oficiais, banqueiros ou gentes assim. Era pobre, de ofício doceira e morava numa casa modesta lá na Vila Boa de Goiás, à beira do Rio Vermelho. O pior: gostava das coisas humildes, das pessoas simples, dos vagabundos, das prostitutas, dos meninos de rua, das lavadeiras, enfim, gente sem eira nem beira; e não só das gentes simples, também das coisas simples – dos velhos muros (sem prumos e nem aprumo), das pedras do calçamento, dos becos, das ruas estreitas, dos burrinhos de lenha e coisas que tais.

Mas o pior de tudo: tinha mania de escrevinhar. Ao invés de escrever coisas bonitas, com palavras importantes, com frases bem torneadas e estilo erudito, a velhinha da casa da ponte fazia poesia, às vezes sem métrica e sem rima, louvando essas coisas desprezíveis e essa gente sem nenhuma importância.

Tinha, por exemplo, a desfaçatez de escrever:

“Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja,

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lado negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia e semeia polmes dourados no teu lixo pobre, calçando de ouro a sandália velha, jogada no teu monturo.”

Vê-se por aí que essa pretensa e idosa poeta não teria nenhum futuro. Além de tudo, ainda escrevia com palavras muito vulgares – essas que o povo fala nas ruas, às vezes, até sem gramática.

Mas, afinal, qual a história dessa mulher que viveu grande parte de sua vida fora da cidade natal e que agora voltava para nela viver e talvez morrer?

A infância de Aninha foi triste e, segundo ela mesmo disse: “Era chorona, feia, de nenhum agrado, / menina abobada, rejeitada./ Sempre sozinha na vida. Desamada, indesejada / desde sempre. /Ia crescendo pelo terreiro, suja, desnuda, sem carinho/ e descuidada, sempre aos trambolhões com / pernas moles.” E assim foi até mocinha, quando se refugiou na literatura e começou a escrever. A família, principalmente as irmãs, caçoavam dessa extravagância da mocinha feiosa que não se importava com vestidos, bailes, namoros etc. Mas Cora não se importava, queria mais era conviver com os literatos da terra, homens mais velhos e sisudos que, inclusive, a aceitavam como um dos seus.

Mas aí começa sua maior desdita – apaixonou-se por um homem casado. Embora esse

homem não vivesse com a esposa, esse amor era uma coisa insólita e inadmissível numa sociedade como a vilaboense.

Mas Aninha era firme e acreditava que ela é que deveria administrar sua própria vida – fugiu com seu amado e foram viver no interior de São Paulo. Sobre esse incidente escreveu: “Um dia, houve./ Eu era jovem, cheia de sonhos./ Rica de imensa pobreza/ que me limitava/ entre oito mulheres que me governavam./ E eu parti em busca do meu destino. / Ninguém me estendeu a mão. / Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.” Viveu pelo interior de São Paulo, uma vida de lutas e pobreza, e lá oficializou seu casamento. Teve seis filhos – dois homens e quatro mulheres. Sobre eles disse: “Foram eles, na sua fragilidade infante, / poste e alicerce, paredes e cobertura, / que o vento da insânia / ameaçava desabar.” Aninha enviuvou e lutou ainda mais para sustentar a família e fez de um tudo – vendedora de livros, comerciante, montou pensão, foi chacareira, mas, sobretudo, deu conta do recado.

Um belo dia ( belíssimo para a cidade de Goiás ) a já prolecta senhora Ana Lins dos Guimarães Peixoto resolve voltar para sua terra, de mala e cuia – queria viver de ferver doces e cozinhar poesias. A chegada a sua terra despertou impetuosamente seu estro poético e, a duras penas, conseguiu publicar seu primeiro livro, aos 76 anos.

Algumas pessoas, talvez poucas, conseguiram perceber que algo novo nascia na literatura de Goiás – algo de puro, algo de singelo, algo isento de ranços de literatura acadêmica. E a nova autora, sob o pseudônimo de Cora Coralina, começou a ter seu prestígio provinciano. Lá pelas tantas a poeta recebe uma carta manuscrita do poeta maior desse país: Carlos Drummond de Andrade. Ele não usou de meias palavras, disse, entre outras coisas, com a responsabilidade de seu prestígio:

“Não tendo seu endereço, lanço essas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais.” Sem se envaidecer muito, mas animada com esse estímulo, Cora continuou com sua obra e vivendo de seu ofício de doceira, mas agora já consagrada nacionalmente e cheia de prêmios e honrarias. Chegou quase aos 90, mas poetando sem parar. Mas um dia, os anjos acharam que estava na hora de Cora descansar de poetar e de fazer doces – estava velhinha e frágil e já tinha cumprido sua missão. Ela já tinha antevisto sua partida e chegou a preparar seu epitáfio, dizendo, entre outras coisas: “Morta... serei árvore / Serei tronco, serei fronde / E minhas raízes / enlaçadas às pedras de meu berço / São as cordas que brotam de uma lira.”

Para terminar, ousou parafrasear um poema de Manuel Bandeira (“Irene”) escrevendo :

“Imagino Cora entrando no céu:

– Licença, meu santo!

E São Pedro bonachão:

– Entre, Cora. Você não precisa de pedir licença.”

**\*Elder Rocha Lima é arquiteto, artista plástico e escritor**  
([elderrochalima@hotmail.com](mailto:elderrochalima@hotmail.com))